

PORTO

PROJECTO VALORIZAÇÃO
DO ESPAÇO E DO COMÉRCIO TRADICIONAL
ATRAVÉS DA MEMÓRIA

HISTÓRIA DE VIDA DE
JOSÉ ERNESTO FERREIRA DE SOUSA

Registada em 29/09/2009 por
SUSANA PIRES E MARLENE ANDRADE

FICHA TÉCNICA

Editor:

TRENMO Engenharia S.A.
Sítios e Memórias

Fotografia:

Armando Afonso

Coordenação:

Jenny Campos
Liliana Monteiro

Revisão:

Jenny Campos
Liliana Monteiro

Editores:

Ana Cruz
Cláudia Simões
Jenny Campos
Joana Ribeiro
Liliana Monteiro
Marlene Andrade
Susana Pires

- 05** Mini Biografia
- 05** Ascendência: A família
- 05** Educação: Até o terceiro ano comercial
- 05** Casa: Brincadeiras na rua
- 06** Percurso profissional: Oculista, industrial e confecções
- 08** Descendência: "*Outras vidas, totalmente opostas*"
- 09** Quotidiano: Dias de tristeza
- 09** Rua: Uma rua moribunda
- 11** Animação: Mais vida para a rua
- 11** Loja: "*Uma gravata gaiteira na Casa Renato na Rua Mouzinho da Silveira*"
- 14** Clientes: Servir bem e com qualidade
- 14** Avaliação: Felicito e agradeço

JOSÉ ERNESTO FERREIRA DE SOUSA



Ernesto Sousa (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

Mini Biografia

José Ernesto Ferreira de Sousa nasceu no Porto, no dia 24 de Agosto de 1945.

Passou a infância em Paranhos *"a jogar à bola no meio da rua e a jogar o pião."*

Aos 14 anos começou a trabalhar como comerciante, numa loja de óculos, *"a fazer recados"*, e depois passou para os têxteis. Actualmente é o proprietário da Casa Renato, um pronto-a-vestir para *"juventude dos 40/50 anos, daquela que ainda vai vivendo por cá e vai passando"*.

Guarda muitas recordações da Rua Mouzinho da Silveira altura em que o comércio fervilhava, embora refira que desses tempos resta apenas o *"casario todo degradado e o comércio fechado"*.

Ascendência

A família

O meu pai era José Alves de Sousa e a minha mãe Joaquina Cardoso Ferreira. Eram os dois da freguesia de Paranhos. O meu pai era industrial de camionagem e a minha mãe doméstica. Eu tinha uma irmã, trabalhava em costura, naquele tempo era assim. Era empregada de modista e tornou-se uma modista célebre da cidade. Chamava-se Lucília Sousa.

Educação

Até o terceiro ano comercial

Andei na escola. Fiz a quarta classe e fiz metade do terceiro ano comercial.

Foi no Porto, na antiga escola Oliveira Martins. Foi a única coisa que deu para fazer, de resto foi trabalhar.

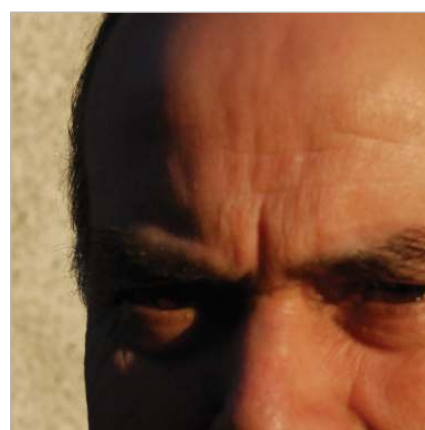
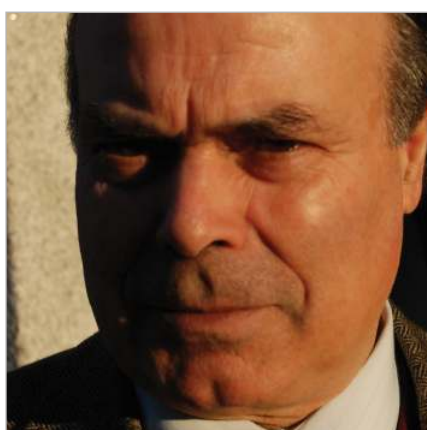
Casa

Brincadeiras na rua

Passei a minha infância na freguesia de Paranhos, naquela altura era uma freguesia rural. Havia a escola primária do bairro de Paranhos que ainda lá está hoje e, portanto, a vida era feita entre a casa dos meus pais e a escola primária que ficava distante 500 metros. De maneira que foi essa a minha infância vivida a jogar a bola no meio da rua, a jogar o pião. Fazia tudo, todas as brincadeiras na rua. Não havia outro local para a gente se divertir. A escola tinha um recreio grande que ainda lá está hoje, ainda existe a escola direitinha. Aquilo na altura era uma aldeia,

na zona onde eu vivi ainda hoje tem uma parte original da freguesia como era há 100 anos atrás. O mesmo casario que estava há 100 anos é o que está lá hoje, inclusive a casa onde eu vivi com a minha mãe e com o meu pai que era nossa. Ainda estão direitas porque era uma parte que está de reserva pela Câmara Municipal do Porto.

Há um projecto da Cidade Universitária e eles nunca deixaram evoluir aquilo para construções habitacionais. O que estava, estava. A única coisa que fizeram mais próximo foi o Bairro do Outeiro, o núcleo onde habitávamos. Ainda hoje se mantém da mesma maneira, ao fundo da rua Doutor Júlio de Matos, Largo de Lamas. Está lá a casa, está lá o armazém onde eu fiz fábrica, onde eu fiz o comércio, está tudo direitinho aí. E todo o conjunto habitacional é o mesmo que tem cento e muitos anos. Ainda se mantém toda a traça que lá estava.



Ernesto Sousa (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

Percurso profissional

Oculista, industrial e confecções

Comecei a trabalhar com o comércio de óculos, óculos de sol, óculos graduados, óculos de toda a espécie. Era óculos, ourivesaria e relojoaria também. Mas era um espaço comercial pequeno. Foi assim que aconteceu a vinda para o comércio. Tinha 14 anos. Era aquele serviço das tarefas mais vulgares das lojas comerciais. Era fazer recados, naquela altura, para aprender a arte de fazer óculos. Pôr lentes, tirar lentes. Fazia todos os recados, que havia na loja, no espaço. Era na Rua Santa Catarina, o Oculista Guilibaldo, muito activo, agora não. Parece que já não existe. Ganhava 300 escudos por mês. Era muito pouco dinheiro, uma ridicularia mas já ajudava. Porque eu fiquei sem pai aos 9 anos de idade, por isso acabaram todas as possibilidades de outra formação de vida.

Fiz a escola. Acabei a escola primária, consegui ir até metade do terceiro ano e toca a trabalhar.

Naquele tempo, toda a gente queria estudar e continuar só que era preciso trabalhar. A fatura não era como agora, infelizmente. De maneira que vivia-se assim, não havia hipótese para mais. Estive dois anos ou três anos no oculista. Depois fui para a indústria e para o comércio, outra vez. Fui trabalhar em confecções. Sempre têxteis. Fazia toda a espécie de roupa e eu estava ligado à parte comercial, à parte externa das vendas e da administração. A empresa era Ernesto e Sousa, Lda., era indústria com a confecção. Era uma empresa pequena. Mas ainda trabalhei muitos anos com ela. Estava na Rua Dr. Júlio de Matos, em Paranhos, na casa de habitação da família. Fazíamos desde as saias de senhora até as blusas. Depois passou-se para as calças e por aí fora. Depois transformou-se em todo o tipo de roupa que havia. Tínhamos de acompanhar. Naquele tempo, ainda só se usava saia, depois começou-se a usar calças. Agora é diferente. Agora usa-se calças e não se usa saia. Eu vivi essa fase de transição da saia para as calças. Eu cortei muitas saias. Eu fiz muitas saias de senhora. Eu, pessoalmente, tinha que ser. São tempos que nos obrigava a trabalhar em todos os cantinhos e naquilo que fosse necessário fazer para sobreviver. A malta jovem é que começou a ter a iniciativa das calças e a fase da mini-saia. São épocas que vieram por aí fora e que vêm mudando toda a maneira de estar e de vestir. A fase da mini-saia reporta-se à época dos anos 60, salvo erro, 60/65. Depois vieram todas as transformações que começaram a surgir antes do 25 de Abril, e depois do 25 de Abril. De resto eu passei por essa fase toda: da mini-saia, da mini-saia às calças, das calças à boca-de-sino. Todas essas modas passaram um bocado por mim.

Mantendo o comércio, a trabalhar com a loja de pronto-a-vestir, liguei-me ao sector industrial de meias de homem. Fiz muitas meias, mandei fazer muitas meias e desenvolvi a comercialização pelo país todo. Trabalhava-se bem. O resultado é que todas as nossas fábricas de meias de homem trabalhavam comigo e eu com eles a nível de produto marca, patente italiana, mas produto português, 100% genuíno. A marca era Pietro Rossi. Nessa altura, não havia nada que viesse de fora. Em princípio havia uma marca espanhola que andava no mercado, mas a maioria era toda feita em Portugal. De resto havia uma dúzia de fábricas a fazer meias de homens que hoje estão completamente extintas por causa de outros produtos que apareceram de outras origens com custos mais baixos e portanto, não foi possível dar continuidade a esse trabalho. Teve de se parar. As coisas vêm todas em paralelo a partir de determinada altura mas foi nos anos 80/84 que comecei a fazer a comercialização de meias de homem. Depois trabalhou-se até o ano de 2002. Começa a haver a invasão toda do estrangeiro, asiático, dos chineses, e vêm por aí fora e fomos obrigados a parar. Esta alteração do comércio começou toda a modificar o comportamento comercial. Após a presença das grandes superfícies, a gente deixou de poder trabalhar com essa parte comercial.

Nas confecções ainda estou metido hoje. Até à data, sempre à volta das confecções por causa do comércio. A partir de 2003 comecei a parar com toda essa parte de comercialização industrial e de comercialização pelo grosso, que era a parte do que acontecia. Depois resignei-me a isto. Fiz o meu percurso desde 1968/70. Sempre agarrado aos têxteis até a data de agora. Só que com várias alterações.

Antes das confecções ainda trabalhei na indústria de camionagem com o meu tio. O meu pai tinha falecido e foi com um tio meu que trabalhei até a idade de ir para a tropa. Numa empresa de camionagem. Não fui à tropa, fiquei isento do serviço militar quando rebentou a guerra em 1961, em Angola, e fiquei a trabalhar. A partir daí é que eu liguei ao comércio, deixei a parte industrial, de camionagem e fui para o comércio porque a indústria de camionagem estava numa fase difícil também, estava gente a mais na empresa, aquilo parou e eu fui o primeiro que tive de sair, que fui procurar outros rumos de vida. Depois de estar a trabalhar foi com 22 anos que comecei toda a actividade com os artigos têxteis a nível de comércio de retalho e assim se desenvolve até hoje.

Eu pessoalmente na loja estou há quatro anos. Desde 2005. Estava entregue a funcionários, de resto só a partir dessa data é que fiquei a passar mais tempo na loja.

Descendência

"Outras vidas, totalmente opostas"

Eu sou casado e tenho um rapaz de 41 anos. Ele formou-se, doutorou-se e trabalha. Tem outra vida muito diferente da minha. Está a trabalhar nos combustíveis. Tem a vida dele, oposta a isto. Ele não dá importância ao meu trabalho. Não tem noção de como isto se vive e de como isto se trabalha. Não tem noção porque nunca foram coisas compartilhadas com eles a nível da minha vida de comerciante. Estudou, seguiu o curso dele, fez o doutoramento dele, foi trabalhar para a área dos combustíveis e a partir daí é uma situação que não tem nada a ver com esta vida comercial. Seguiu o rumo. O que é que adianta agora falar em roupa, falar em comércio... Outras vidas, totalmente opostas. Ele diz que eu devo acabar com a actividade porque não vale a pena perder tempo.

Que ando a pagar para trabalhar. É aquilo que eles dizem. A gente aqui paga para trabalhar. É autêntico.

Quotidiano

Dias de tristeza

Os dias hoje são uma tristeza, é uma amargura. Isso não tem classificação possível. Mas aqui há sempre o que fazer. Há arranjar montras, há vestir manequins, tirar manequins, arranjar roupa, mudar os expositores, arranjar os expositores. Fazer esta rotina do dia-a-dia mas com um ritmo muito lento.

Deixou de viver. De ter vida comercial aqui a nossa casa, mas cá estamos, sem vida mas estamos a viver. Moribundos mas vamos andando.

Rua

Uma rua moribunda

Antigamente, o Porto estava igual mas mais degradado em relação aquilo que era. De resto isto aqui era um mundo de vida. As ruas principais de movimento da cidade eram a Rua Mouzinho da Silveira, a Rua das Flores, e a Rua de S. João e a própria Alfândega. Tudo isto funcionava aqui. Por isso é que o nosso comércio e o estado desta freguesia está como está. Porque desde que a Alfândega fechou, tudo isto começou a ir por água abaixo, tudo isto começou a deteriorar-se, começou a ficar desabitado, a acabar. Desde que a Alfândega fechou, não sei dizer o ano, mudou para todas as actividades.

Começou a degradar-se tudo, desde o comércio às habitações e a falta de vida que a freguesia tem. Naquela altura lojas, conheci variadíssimas coisas, lembro-me muito bem dos armazéns de mercearia aqui da Rua de S. João, a parte da Miragaia, o movimento dos despachantes, a Alfândega. Era onde funcionava toda a vida da cidade. Depois começou a expandir. A Alfândega fechou, a vida comercial e a vida social começou a acabar.

A força das circunstâncias é que me trouxe para esta rua. Isto era uma empresa que estava com dificuldades financeiras, eu paguei aos credores todos que a firma tinha e daí o meu acesso a ficar com a loja. Foi por isso. Foi quase uma consequência da vida comercial e industrial que fazia. Foi por isso que fiquei com a loja. E fiquei cá com os empregados, depois paguei a toda a gente e com os tempos tudo modificou. Não foi pela rua porque já estava degradada quando eu tomei conta disto já estava a entrar em declínio constante. Isso já se notava.

Depois teve de se dar continuidade para se conservar o património que estava cá. É isso que se está a fazer, mais nada.

O que esta rua tem de pior é o casario todo degradado e o comércio todo fechado. Depois alguma falta de segurança, que já esteve pior do que está. Só precisávamos, de facto, era do comércio com vida, o casario com vida, tudo isto com atractivos para que as pessoas viessem

visitar a rua. É só isso.

O que tem de melhor, sinceramente, é muito difícil de dizer. Nesta altura será as obras que estão a ser cá feitas, por exemplo. Porque ela de resto não tem mais nada. E de melhor é o comércio vivo que ainda cá está. Porque então se o comércio que está cá não lhe dá esta vida, então está tudo estragado. Fica morta, completamente moribunda. E hoje tem a afluência dos turistas que passam por este passeio abaixo, que todos que vêm à cidade passam à Rua Mouzinho da Silveira, passam à rua das Flores. O circuito é todo este. Tudo vem à zona histórica, à ribeira do Porto, à ribeira de Gaia, quase se pode dizer que não há turista nenhum que venha à cidade do Porto que não passe nesta rua. Ajuda-nos a viver? Há dias que sim. Os turistas procuram saber coisas da rua, às vezes, até sou cicerone. A primeira coisa que perguntam é:

- "Porque é que os prédios são todos assim. Porque é que tudo está tão velho? Está tudo a cair. Porque é que ninguém arranja?"

Espanhóis essencialmente, os italianos, ficam surpreendidos. Aquelas imagens que estão pintadas no prédio em frente à loja são a nova população da cidade.

De resto tenho um bom relacionamento com os comerciantes da zona. Mas há um relacionamento triste porque é uma vida comercial pobre, mas é um relacionamento saudável, pelo menos naquilo que eu penso. Eu conheço a maioria que está cá porque, de vez em quando, reunimo-nos na associação e cumprimentamo-nos e falamos, só que são relacionamentos pobres. Pobres por falta de vida comercial, por estarmos assim. Não vejo que haja incompatibilidades a nível comercial. O sentimento é comum. Toda a gente vive com muita mágoa do estado que isto está, da maneira que isto corre, porque nós não estávamos à espera da crise mundial para estarmos a atravessar este período em que estamos. Essa crise comercial para nós já veio há 15 ou 20 anos para cá. E, portanto, temos de aguentar. E cá estamos a ver se conseguimos.

Pelo menos no que respeita à minha parte, até que isto mude, que comece a ter outra vida.

Porque se tiver vida comercial, se tiver lojas abertas, se tiver os prédios arranjados, se tiver gente a habitar isto, com certeza. Agora, habitações com custos como os que estão aí para arrendar, habitações novas, das que estão vazias, que foram reabilitadas, que estão prontas a ser habitadas têm custos de andares e apartamentos de cinco estrelas, de luxo. Assim ninguém vem para aqui. Falta aparcamentos para estacionamento. Quem é que vem para aqui viver? Isso começa por aí. E, portanto, isto é sempre uma zona de passagem de quem vem e nunca mais cá passa. Ou vem ver a nível de curiosidade o estado em que isto está. Já não tenho esperança porque também não tenho muitos anos de trabalho. Mas agora o dar vida às coisas continuo a dar mas de resto a gente vai andar a trabalhar até aos 100 anos, se cá viver? Não pode.